

Um homem ao mar

Promettera-nos o commandante que apontaríamos em Funchal, na Ilha da Madeira, dentro de umas quarenta e oito horas, e como os nossos vapores de hoje não são mais que bananas expressos, esperavamos tranquillamente o momento já indicado para o desembarque.

Fazia um tempo lindo de adiantado outono tropical, cujo calor talvez fosse excessivo se o não temperasse uma brisa fresca que muito agitava o oceano.

Era bello o espectáculo daquelle céu sem nuvens empaldecido pelos raios do sol inclemente que o abraçava, arredondando-se por cima do mar revolto, tumultuoso. As ondas corcavam-se de espuma de uma alvura deslumbrante.

Deviam ser quatro horas da tarde. Conversavamos alguns passageiros e eu sobre o convez à popa esperando com tedio que alguma coisa viesse quebrar a monotonia da vida de bordo, mesmo que se não tratasse de incidente de maior vulto que o toque do sino para o jantar.

Estavamos estendidos preguiçosamente embalados pelo movimento do navio.

De repente ouvimos um grito agudo seguido de grande rumor e logo depois appareceu um official alvoraçado: — «Pressa, pressa, meus senhores, atirem os salva-vidas... Um homem ao mar!»

Levantamo-nos precipitadamente e sem demora jogamos cinco salva-vidas, que na esteira branca pareciam corôas mortuarias sobre um marmore tumular.

Dizia-se que alguém tinha visto um corpo emergir e segurar-se a um dos salva-vidas.

O paquete parou. Arriou-se uma embarcação. Era uma pequena baleeira pintada de branco em que Francisco, o 2.º mestre, dous marinheiros e um grumete tomaram lugar.

— «Olha, Francisco, bradou o velho 1.º mestre, o pequeno está por boreste avante!»

Contou-nos então o medico que o naufragado era um aprendiz que trabalhava nas enxarcias e que por qualquer inexperiencia cahira ao mar.

— «Pecaire, accrescentou o mestre com forte accent marselez, quando se vae beber de tão bom grado na tijella de agua salgada, não se volta assim com tanta facilidade.»

Emquanto uos acercavamos do marinheiro travava-se perto de nós uma discussão sobre a posição da baleeira. Apezar dos oculos tinham perdido de vista.

Tambem no passado, o commandante e os officiaes gesticulavam, uns mostravam ao norte, outros ao sul.

O navio estremeceu com o movimento das machinas, correu sobre um bordo, virou de rumo, sulcou o mar em todas as direcções e... parou.

Não se encontrou nada.

Fitavamos o horizonte com auidade. Então a baleeira sossobrara? Nesse caso morriam em poucos instantes cinco dos nossos companheiros.

Mulheres choravam e resavam. Liam-se em todos os rostos a angustia e o desespero. Emigrantes na politana recitavam as preces pelos agonisantes. A vozzeria succedeu-se a bordo um silencio religioso. E ao senti o grande navio parado em pleno oceano, com aquella gente debullhada em lagrimas, tão triste que se não importava com os balanços bruscos e as quedas, ridiculas talvez em outra occasião, mas que agora ainda mais augmentavam o nosso horror porque escutavamos o bater surdo, dos vagalhões contra o casco e corria-nos pelas costas o calafrio bem conhecido de todos quantos ouviram o ruido oco da terra rolando sobre o calção de um amigo no fundo de uma cova; tinha-se uma impressão funebre de abandono, de morte lenta.

O commandante, um homem baixo de cabelos encanecidos, de pé no passado, terciá nervoso as suissas e horrivelmente pallido, teimava em prescrutar o horizonte com o oculo de alcance.

— «Pobre gente, coitados!»

Era um dos officiaes que fallava junto de mim com soluços na voz.

Elle tambem deixára, lá em algum pittoresco mas da sua *Provence*, mulher e filhos, e ao ver aquelle rde marujo em prantos e as lagrimas a molharem o dolman azul que lhe cobria o robusto peito de atleta da *Camarote*, apertou-me o coração e lembrei-me de tantas terriveis angustias, das dedicações admiraveis dos pesados trabalhos que o mysterioso oceano exige dos que a elle se entregam tudo accetando com uma tão bella singeleza da alma.

O pequeno aprendiz já lá estava um pouco no esquecimento e mesmo quasi que lhe queriam mal por ter sido talvez a causa da morte de seus bravos companheiros.

Como ninguem podia affirmar ter visto o naufragio da baleeira não queria o commandante, que ainda conservava alguma esperanza, partir sem achar ao menos um dos salva-vidas por nós lançados ao mar, e mesmo caso isso nos não fosse possível, ficariamos ainda assim a cruzar naquelle ponto durante tres dias.



Seis horas. O sol quedava-se enorme e vermelho, ensanguentando a espuma alvarenta das ondas e tingindo o céu de côres roseas que se apagavam em matizes sempre e sempre mais desvanecidos até que as tenebras assustadoras da noite tudo escurecessem.

Iluminámos em arco.

Passeando sobre o conves, o medico e eu longamente conversamos sobre magnetismo para que nos distrahissemos.

— Ainda um effeito da auto-suggestão, disse-me elle, estou a ouvir gritos.

— Qual, respondi-lhe, esses estão bem perdidos!

Cançado, enfim, retirei-me para o beliche.

Mal havia eu dado alguns passos o medico bradava:

— Oh lá do mar, quem falla?

Em dois pulos estava a seu lado.

— Olhe ali, affirmava elle, um ponto branco. São elles, são elles!

Tinhamos alarmado a tripulação. Os passageiros abraçavam-se rindo. Era uma algazarra infernal.

— Quantos sois, perguntavamos em côro?

— Quatro, respondeu o 2.º mestre para o pequeno de *prohondis*!

— Foi um tubarão, disse um marinheiro, so aquelle patife é capaz de engulir de uma só vez um grumete e um salva-vidas!

Mas as emoções tinham sido tão violentas durante aquellas horas terriveis que a morte do menino não despertava mais a mesina magoa.

— Ora, disse uma criada de bordo, o infeliz pequerucho era so no mundo!

Foi essa a sua oração funebre.

A pouco e pouco passageiros e tripulação acalmaram-se e adormeceram.

O navio poz-se em marcha e o helice entuscaudo-se nas aguas frementes distanciava-nos sempre mais e mais do lugar, onde o oceano se lechára sobre a sua victima.

Por cima de nos, ao redor de nos a serena immensidade oppoñdo a sua fria indifferença ás agitações febris dos homens. E seiando com os olhos mergulhados na esteira lactosa e phosphorescente, revivia rom melancolia no meu pensamento a vida atormentada d'esta humanidade soffredora, os dramas cruentos, as epopéas gloriosas, o comico doloroso das nossas luctas, dos nossos amores, das nossas ambições, dos nossos desesperos de pygmeus, toda a historia tragica da alma humana no correr dos seculos tão infima, tão mesquinha, quasi ridicula e grotesca para o seu scenario grandioso.

R. DE MAYRINE.

Bordo do *Aquilon*, Junho de 1899.

EMBALDE!

Que ludo o seu vestido azul! que casto e ludo! O seu vestido o que é, é um jardim ambulante. Exportado do Alem, de alguma estrella vindo, Para — estrella maior — adorna a anhelante.

Por isso ha no seu todo aquelle odor mudo! Meu coração ali se preccate e garante, Contra o vicio, o impudor... E é vel-a sorrindo Como espanca, afugenta o mal, branca e radiante!

Entanto, ella jámais me olhou... — taibe de bruma Que importa a eu olbar o mal que me recuma, A' suz alma, que importa a minha no hospital?

E embalde a busco, a anceo, essa timida ovelha! Embalde ao seu passar minha rima se ajoelha, Poi ventura adornando a aos olhos de um rival!

ADRIANO DE ABEU.

Simplificação da grammatica

Ainda não vae longe o tempo em que se ensinavam as creancinhas com barbaros castigos.

O mestre de escola, á falta de bons methodos, de ensino, queria que seus discipulos comprehendessem á força das correias e das varas de marmeheiro.

Applicava-lhes o castigo, de que só elle era merecedor, porque a falta estava nelle que não sabia ensinar. O tempo da vara, das correias e da palmatoria, felizmente vae desaparecendo. O corpo da creança folgoa, mas o espirito?

Podemos affirmar, sem receio de exagero, que os methodos de ensino actuaes flagellam a intelligencia da creança, tanto como antigamente as correias e a palmatoria lhe flagellavam o corpo.

O tormento principia logo com o bê a bê, he e bê, ome a ú, etc. A creança não percebe estes disparates? Palmatoria. Não estudou bem a lição!

A força obtida o que a razão não alcança.

No ensino da grammatica novo tormento para a intelligencia da creança.

Os compendios correspondem as verdadeiras torturas, tão barbaras e flagellantes para o espirito infantil, como dantes os castigos corporaes.

Causa assombro, que ainda exista grande numero de grammaticas baseadas no systema absurdo de definições.

Até hoje ainda ninguem conseguiu definir satisfactoriamente o substantivo, o adjectivo, o verbo etc.

E, comtudo, as grammaticas abundam em definições dessas palavras, ou em syntheses abstractas, que nem os seus proprios auctores são capazes de exphear cabalmente. E exige-se que a intelligencia, ainda debil, da creança as comprehenda!

Não sabe definir verbo e substantivo? Castigos e reprovação no exame final. Os professores punem implacavelmente os alumnos, que nenhuma culpa tem dos disparados methodos de ensino, e das faltas dos compendios de grammatica, a que se devia fazer auto de... concorrendo com esta ordem de ideas, o *Temps* publicou ha pouco, um excellento artigo, do qual extrahimos os pemedos seguintes:

«Corre o risco de passar por boocio quem se insurja contra o ensino da grammatica. E, no entanto, é elle bem duro para a creança que o recebe. As regras são sem conta, a muitas das quaes falta a clareza que as torne de facil comprehensão aos espiritos logicos, e nem mesmo tem justificação possível. Por que? Porque a grammatica e uma escola de autoritarismo.»

Tem ainda outro inconveniente — o exprimir-se em termos dolorosamente abstratos... Mas tudo isto já está dito mil vezes; e não tocaria neste assumpto tão debatido, se não tivesse que assignalar uma iniciativa, que o torna da actualidade.

O representante dos professores de grammatica no Conselho Superior de Instrucção Publica, M. C.

tm. e o representante dos professores de letras, M. Bernes, acabou demittir parecer a favor da simplificação da syntaxe ensinada nas classes. Eis uma boa ideia e occasião de os grammaticos e litteratos pegarem em um machado e principiaem a cortar no esse pesso matto das complicações inúteis. Os autores deste parecer notão que entre as regras ensinadas actualmte algumas ha que tornão impossivel o emprego das expressões mais naturaes e a construcção correcta das phrases mais simples. Acrescentão que os auctores classicos e os bons escriptores dos nossos tempos ignorão essas regras, ou dellas não fazem caso. Por que ainda se conservão nas grammaticas?

Porque, em um momento dado, um personagem que tinha auctoridade as introduziu nellas. Esse personagem está hoje esquecido; as razões que lhe valteram out'ora a auctoridade, de que gozou; não nos tocam de perto. Mas as regras subsistem!

Acabemos com ellas, dizem M. M. Bernes e Clariv; tornaremos assim o estudo da syntaxe mais rapido; o tempo que nella se consume poderá ser applicado a leitura fecunda dos textos. Finalmente, consolaremos que não e para desprezar, os estrangeiros não terão tanta difficuldade de aprender a nossa lingua.

Os dous professores propozeram uma commissão para se encarregar dessa tarefa o mais breve possivel.

O *Temps* opina que, quanto mais numerosa for esta commissão, tanto mais risco corre de abortar. E tem razão. Acrescenta depois estas justas palavras:

« Mas como pensar sem melancolia nesses milhares de crianças que penam neste momento por causa de regras destinadas a ser em aboli-las dentro de seis meses? De uma extremidade a outra de França, nas escolas primarias e nos collegios professores e professoras estigmatizam os desgraçados, que tropeçam em uma dessas regras... »

Não sabe grammatica!

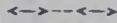
Para o cadafalho!

E quantas reprovacões não se tem dado aqui no Brazil, escreve o *Jornal do Commercio*, e em toda a parte, por causa de taes regras e das delicias das grammaticas?

Não ha ensino, que mereça mais ser a attenção dos pedagogos, por causa das difficuldades que lhe são inherentes. Em todas as nações urge uma reforma, quer no methodo do ensino da grammatica, quer nas regras desta, simplificando as. Muitas dellas, ou são convencionaes e filhas de uma determinada epocha, ou são arbitrarías e impostas auctoritaria e caprichosamente.

Os classicos, em geral, temem para attencios de linguagem, afastando se algumas vezes da indole natural e popular da lingua que cultivam.

As linguas « academicas » tem esse defeito, as linguas populares são mais simples, espontaneas e naturaes.



As creanças no theatro

Na *Catharina*, de Lavedan, agora em prospera carreira no theatro de D. Maria, apparece uma creança de 10 annos, que tem dado que seismar ao publico.

E com razão - porque sendo uma pequerrucha, toma tanto a serio o papel, que parece grande n'elle. Tendo apenas dez annos, ja tem uma historia e um repertorio: e como se ja houvesse chegado ao fim e, contudo, acaba de chegar apenas.

Chama-se Ilda Victoria.

Victoria! E' um bom nome para vencer. De mais a mais, corre nas veias d'essa creança o sangue de Napoleão. Parece que um conjunto de circumstancias felizes a predispoem para triumphar em todas as batalhas da vida. Napoleão acobou mal, ella começa bem. Eis talvez a unica differença que se da entre o grande capitão e a pequena actriz - ali eu deixo.

O pai de Ilda Victoria e o dono d'aquella pequena lancha da travessa de S. Domingos, que esta cheia de peças de theatro. Demorar-se a gente ali um momento vale o mesmo que ficar conhecendo todos quantos amadores vivem dispersos por Lisboa.

Entra um e pede *O bruto boaz*. E' um operario que, se o encontrassemos em qualquer outro lugar, julgaríamos que não tinha visto jamais um theatro. Pois e' um actor nas horas vagas.

Entra outro e pede *O diabo atraz da porta*. E' talvez um moço de padeiro, que abandonou o cabaz para dar os seus pensamentos a arte - o pão do espirito. E' um Valle obscuro, que faz por ventura as delicias de uma plateia de padeiros.

Entra um sujeito grave, de sobrecasaca e gravata preta, que da a primeira vista a impresso de querer comprar o seu talamento do selo.

Abre a bocca e pede a meia voz *As duas heuras*. Uma das bengalas e para elle, amador desde a infancia, sempre disposto a alternar as difficuldades da vida com as glorias do procelo. Se não l'esse isso, ja teria succumbido entalado entre cinco filhos relaxados e cinco deimas idem.

Pois ali e' aquella lancha que parece poder caber dentro de um dedal, e o grande estabelecimento de Napoleão da Victoria, editor de peças de theatro. Elle mesmo amador, e pai da pequenina actriz que temos visto agora em scena no theatro de D. Maria.

Fica assim provado que gira nas veias d'essa engraçada creaturinha o sangue de Napoleão.

Resta provar ainda que ella tem ja uma biographia e um repertorio.

Foi aos sete annos que se estreou n'uma recita particular desempenhando uma cançoneta. Applaudiram-na tanto, que tornou gosto para fazer outras cançonetas. *As esquadras*, *O berlim*, *Sempre a andar*, *La la la*, e alguns monologos, entre os quaes *A mãe da lancha* que n'uma matineo do Gymnasio lhe valeu uma audosa ovação.

Foi esse esse dia que ella adquiriu o direito de uzar, nas rugões da arte, o appellido de Victoria.

Ate ali era Ilda, apenas.

A actriz Adeliua Ruas, tendo-a visto representar, chamou-a para o theatro do Principe Real, onde ella entrou em todo o repertorio que mettia creança. Tem ali feito papelinhos na *Filha do mar*, nos *Piratas da Suez*, na *Guida*, no *Do o Alceas*, na *Causa celebre*, no *Supplico do bruto boaz*, no *Serredo do Padre*, no *Velatorio de Cua*: um repertorio maior que ella!

E certo que algumas atrizes de notavel precocidade parece terem deixado a correr na infancia e cansado logo.

Diz-se ja que se lhes fatigou a cerebro, e parou. Mas a precocidade e, por via de regra, o prologo de um bello livro, que da o que promete.

Mannella Rey entrou no theatro aos cinco annos, aos oito fazia *O anito de Paris*.

Nunca ninguem nasceu artisticamente em peiores condicões do que ella - no meio de uma companhia ambulante, que vivia no Deus d'aria, de terra em terra.

E ainda não houve ingenua melhor do que ella, nem haverá, porque attingiu a meta de toda a idealidade artistica.

Estou a vel-a - para alguma coisa ha de servir o não ser a gente nenhuma creança - estou a vela loira como o sol, com uma doce physionomia angelica, com uma bocca de ouro que valensava todas as intenções e todas as palavras.

Era uma prodigiosa mulher essa. A Carlota Balassa tambem appareceu no theatro em pequenina. Tinha 6 annos quando representou no Porto *O mouro de Herculano*.

Aninha Vieira logou entrar em scena pela mão da grande Ristori, que foi sua mãe... na *Melza*. Pouco tempo appareceu ao collo que tinha tamanho papel isso. Mas entrou por seu pai, e com elegante firmesa, porque ja estava habituada aos bailados de S. Carlos, por onde começou.

A Floinda, da Trindade, foi de todas as actrizes portuguezas a que mais longos mais no theatro.

Appareceu em scena no berço, porque certa peça desse tempo o exigia. Tinha de chorar; chorava alguém entre scenas fingido que fosse ella. Pois n'uma das recitas chorou ella mesma, quando a rubrica o marcava. O publico, ouvindo a chorar, desatou a rir. Aos quatorze annos estreou-se no Gymnasio, como quem ja conhecia o palco de ter ali chorado no berço.

A Luz Velloso, a Delmira Mendes, a Jesuina Marques, a Maria das Dores, a Maria Peres, a Juliana Santos e mais algumas entraram no theatro de vestidos curtos; umas ja desappareceram do numero dos vivos, outras conservam-se ainda no theatro, para não perderem o direito de dizer que ali tem passado toda a sua vida.

Eu vi a Juliana Santos n'um papelinho de creança, que me ficou impresso na memoria: refiro-me ao *Supplico de uma mulher*, peça empolgante, em que o Tasso era grande - como em tudo.

Para ir ver esta peça segunda vez, tive de vender um livro que me haviam dado. Foi o primeiro sacrificio da minha vida litteraria. Era a *Chronica de Cister* por frei Bernardo de Brito. Deus lhe falle n'alma, a elle e a chronica.

A noite começava a descer: a hora do espectáculo approximava-se. Metti o livro debaixo do braço, para o ir levar a gualhinha. Custou-me isso muito, por que não tinha então outra chronica, e aquella dava para ler muito tempo. Entrei na ja de um ferro-velho, justei pelo prego de uma cadeira no theatro, e sabe Deus quanto custou a arrancar esse prego. Guardei o dinheiro, e sahi soltinho.

Logo ao theatro ja não havia bilhetes! Os contratadores pediam um dinheiro. Senti raios no coração, lagrimas nos olhos. Tinha perdido a chronica e o theatro. Se eu quizesse desfazer o negocio, o ferro velho pedir-me-ia o dobro ou o triplo pelo livro.

Encontrei o actor Tasso, contei-lhe tudo. Elle asseverou-me que eu não deixaria de ver o espectáculo, e tantas voltas dei, tanto parlamento com os contratadores, que me obteve uma cadeira pelo prego da casa.

Foi o primeiro triumpho que o Tasso conquistou nessa noite.

O segundo ganhou-o mais uma vez no desempenho do *Supplico de uma mulher*.

Que noite aquella de enthusiasmo, de ovação! Perdi de vista frei Bernardo de Brito; o Tasso era melhor do que elle. E Emilia Adelaide, então em todo o esplendor da sua mocidade, era melhor do que a *Chronica de Cister*.

Vi depois outra actriz, a Lihania, no *Requerio La-roque* em D. Maria, e fiquei encantado como todos os espectadores. Mas esta actriz não chegou a attingir na scena portugueza a altura que a sua precocidade prometia. Está actualmte no Porto, creio eu.

Agora appareceu Ilda Victoria, com o raro privilegio de ser Victoria e ter sangue de Napoleão.

Cuidi que vencerá. Os Napoleões, quando não são imperadores, são principes. O pai d'ella brilha entre os editores de theatro; a filha brilha já entre artistas de profissão, que a tratam carinhosamente por - sua collega.

Os empresarios rotam-lhe o valor, para o efeito da remuneração, como se ella fosse uma actriz de maior idade.

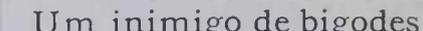
E o publico, quando agora a ouve assobiar com um meiro em D. Maria e a ve apparecer com uma perna entrapada por ter cahido de uma arvore, quer por força saber quem aquella pequenina actriz, tanto a ficou estimando desde logo como actriz.

- De quem e filha pergunta.
- Filha de Napoleão.
- O que?
- Do Napoleão da travessa de S. Domingos.
- Ah!

Pois se fosse filha do outro Napoleão, o grande, seria quasi tão velha como a Se de Braga.

E ella tem ainda pouco mais de tres palmos de altura - sem estar dobrada.

ALBERTO PIMENTEL.



Um inimigo de bigodes

Ha pouco deu-se em Paris o seguinte interessante facto:

Uma noite chamaram a attenção de dous guardas da paz, em serviço no boulevard de Belleville, em Paris, as maneiras singulares d'um individuo que andava vestido com uma commoda blusa branca, tendo na cabeça um chapéu de seda.

Approximava-se com infinita precaução dos bancos onde estavam a dormir os desgraçados vagabundos. Contemplava durante alguns momentos esses pobres diabos, e depois inclinava-se bruscamente para elles como para os beijar. Afastando-se em seguida, ia repetir a mesma manobra, mas longe.

Os guardas seguiram o estranho personagem e, examinando os dorminhocos diante dos quaes elle tinha parado, verificaram com espanto que todos tinham os bigodes cortados. No entanto, o homem continuava firmemente as suas operações. Já tinha trabalhado numa dezena de bancos, quando os guardas se resolveram a deitar-lhe a mão.

Elle parou com t da condescendencia e cumprimentou mysteriosamente os policias. Depois, mostrando-lhes umas thesouras que tinha na mão, disse-lhes, pousando um dedo nos labios:

- Chif! não acordem os «boxers». Foram mandados a Paris para assassinar Loubet, mas eu surpreendi o «complot» e vou-lhes pregar uma partida. Com estas thesouras corto lhes os bigodes e, quando tiver uma porção d'elles, faço uma corda para estragar a imperatriz da China.

Inutil será dizer que se tratava d'um pobre doido. Mas, o mais engraçado foi a cara dos dorminhocos, quando os agentes da policia os preveniram de que lhes tinham sido cortado os bigodes.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, appezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'1 Estacão, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habitudas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na mocidade de nossos pregos.

Para o presente numero offeteccemos:

- N. 25 - Romeira 1\$100
- N. 28 - Saia 1\$300

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correto mais 300 reis para o primeiro molde e 200 reis para cada um dos que se seguitom.

FADINHA

XII

« Remigio!... meu Remigio! » — estas palavras não sahiam do espirito do barão, ferido por um sentimento amargo, que não sabia bem se era o ciúme ou o amor proprio offendido.

Elle interrogava todos os escaninhos da sua alma, e já lhe parecia que se transformara em verdadeiro amor o trivial capricho que o fizera noivo. Procurava illudir-se a si mesmo, buscava convencer-se de que o « Remigio!... meu Remigio! » era uma phrase inconsciente sem a maior importancia, mas a triste verdade apparecia-lhe em toda a sua nudez, e o negociante rememorava a noite em que Fadinha, n'um assomo de despeito produzido por circumstancias mysteriosas, lhe offerecera a mão de esposa, antes mesmo que elle lh'a pedisse.

Todavia est l'embrança dolorosa, em vez de o afastar da idea do casamento, mais o impellia para ella: o

seu orgulho, o seu prazer, a sua victoria seria conquistar, com o seu proprio merito, aquella bonita mulher que ia ser sua e o não amava; disputal-a ao pobre amanuense de secretaria indigno d'ella, exhibil-a aos olhos da sociedade como um trophéo glorioso, dar áquelle bello quadro a moldura de ouro que lhe convinha.

O misero deitou-se, mas não pôde conciliar o somno. Duas coisas o agitavam: a enfermidade de Fadinha que se apresentava com um caracter inquietador, e aquella phrase, proferida pelos seus labios em febre: « Remigio!... meu Remigio! »

Veio-lhe uma inveja profunda pelo seu rival, e uma dôr, ainda mais profunda, pela injustiça da preferencia da moça. Elle, o Remigio, não era honito, nem elegante, nem rico, nem talentoso, nem titular, — porque era tão preferido?...

E sentia pelo amanuense uma especie de odio. Tinha impetos de sabir para a rua áquelle hora, procurar-o em casa, estrangulal-o, assassinal-o, vingando

se daquella phrase terrivel: « Remigio!... meu Remigio! ».

Seriam tres horas da madrugada quando o barão afinal adormeceu; mas logo um pesadelo horrivel o despertou de novo.

Fadinha appareceu-lhe, mais formosa que nunca, nos braços de Remigio, lançando-lhe motejadores olhares, soltando gargalhadas ironicas. Remigio, que o barão não conhecia, tinha no sonho a figura de um gigante espaudo e musculoso, contra o qual seria balçada qualquer violencia; entretanto, o noivo avançou para elle e offereceu-lhe combate. Remigio empurrou-o desdenhosamente com o pé, e pizou-o, como um elephante pizaria um cão. O titular sentia-se esmagar por aquelle pezo; nada lhe dôia, mas faltava-lhe a respiração e não podia gritar.

Despertou alagado em suor, oppresso, aniquillado de vergonha pela humilhação que passara, embora em sonho. Dirigiu-se ao confortavel banheiro de mar-more e tomou um banho frio: depois do que, vestiu-se

NINON DE LENCIOS

escurecia larva, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os pechos da sua certidão de baptismo que rasgara á carada Tempo, e um foice embotava-se sobre sua encurvadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Mito verde-anil! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a rapaz de Lafontaine dizia das nvas. Este segredo, que a celebre egoista faveira jamais contara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leonte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MARON LECOSIER, Rue du 4-Septembre, 35 à PARIS**. Esta casa tem na á disposição das noivas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUFT DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros
Entre os productos cosméticos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural
existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANODERMALE DE NINON
para a unna, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assectina a epiderme, impede e destrói as freiras e os rachaos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou comaravos torna a recuperar sua branquura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos os olhos
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e curralha empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sobre os brancos, com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra

.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHIITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Exigir a marca verdadeira Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

VINHO DE CHASSAINO
DE DIGESTÃO
Recetado há 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a digestão e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
8 CHIFFRES 20110
REGIÃO Nº 117

Pó Laxativo de Vichy
do O' BOLLIGOUX

à sãnta ordo, apresenta o polgar, laci de 10 mezes
O viduo de cerca de 25 Jussos: 2 fr. 041
PARIS: 1878-1881. TIREL: 1882-1883. PHARMACIAS

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutaras, a

AGUA DE MÉLISSE
DOS

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES





MARION LENBACH E EPHIGENIA GYSIS

e sabiu para a rua, errando ao acaso, até que deu comsigo na estação da estrada de ferro.

Sentia-se tomado de um desejo subito e imperioso de ver Fadinha, de estreital-a nos braços, de lhe dizer:

— Amo-te! quero que sejas minha, só minha, exclusivamente minha!...

Quando chegou á casa da noiva, encontrou de pé D. Firmina, que o recebeu de surpresa, por que já não contava com elle.

— Então?

— Passou muito mal a noite... queixando-se de muitas dores na garganta e nas cadeiras... muito agitada... muita nervosa...

— E a febre?

— Não diminuiu mas tambem não augmentou. D'ahi a iustantes entrava o medico.

— Então, doutor? perguntou-lhe D. Firmina depois que o velho clinico examinou a doente.

— Minha senhora, aquella febre tem todo o character de eruptiva.

— Eruptiva? exclamou o barão.

— Sim; podem ser sarampos... mas tambem podem ser bexigas... Ellas têm andado pelo bairro. Mas não se afflijam... Talvez sejam benignas... Não é nada... não ha de ser nada...

(Continua.)

A. A.

Uma opinião japoneza

O leitor não me acreditaria um só momento se eu lhe dissesse que os excerpitos que vai ler foram por mim transcriptos directamente de uma revista japoneza, e teria toda a razão. Confesso a minha com-

Eis outra amarga pílula que elle nos faz engulir: «Wur-Ting-Fang, o Ministro chinês em Washinton, disse um dia: «Quando leio a historia das perseguições religiosas na idade media tremo pelo porvir do meu paiz. Nunca tivemos nada de semelhante na China.

O nosso povo professava o judaismo, o islamis-

Recommendo-lhes esta delicada definição:

O christão moderno, que é na apparencia um bodhisatva (o homem que attingiu o mais alto grão no culto budhista), não passa na realidade de um yaska (um demónio). (Gemén nyo) (Bosatsu naishin nyo yask).

E o escriptor japonez conclue pedindo que se di



Retrato do General Kleber, medalhão de bronze de David d'Angers



Paulo Rattier, medalha de E. Frémiet

pleta ignorancia — e a isso se limitasse! — da lingua em que Mme. Chrysantheme costuma chilrear os seus pensamentos, ligeiros e saltitantes como o de um pintasilgo. Graças, porém, a uma traducção que outem se incumbiu, posso offerecer aqui a opinião do periodico mensal japonez «Takio Maish Shinsi» sobre os paizes christãos. Já veem que o assumpto nos interessa directamente.

Essa opinião é muito singela. Paizes christãos... *no hay.*

Encontram-se aqui e acolá alguns individuos christãos, quiçá mesmo algumas familias christãs, povos christãos, temos conversado! E' cousa que nunca existiu e que nos nossos dias ainda menos existe que no passado.

Basta — diz o escriptor japonez — basta comparar as manobras diplomaticas dos paizes que se intitulam christãos com as dos paizes que estes consideram como pagãos, para se ver que valem tanto uns como os outros.

Os segundos valem mesmo alguma cousa mais ao ponto de vista da sua vida moral.

«Vejam o que se está passando na China. Os russos passam por christãos e nós, japonezes. Ora, os russos commettem crimes que enchem de indignação e fazem corar os japonezes. (Devem ser terribes esses crimes, para avermelharem a cutis de um japonez! «Mota d'Alter Ego».)

Em nome, pois, de uma religião e de uma civilização superior, commettem-se na China os crimes mais repugnantes. O' christandade! O' christandade! Ein que veste a dar nos tempos actuaes! Não lembram os christãos esses doídos que usam os sapatos na cabeça e mettem os pés no chapéu? Em presença das atrocidades que commetteis em nome do vosso salvador, como ousais agitar o siao de Sunegaday para convocar-nos a ouvir a vossa prece? Nos dizemos ao bispo Nicolau e aos seus acolytos: «Ide e empregue os recursos da vossa propaganda com os christãos que precisam de ser convertidos á religião do tino e da bondade.

Quando houverdes feito d'elles entes humanos, mas só então, voltai para junto de nós!»

O que dinn este adorador de ídolos se soubesse o que em nome da justiça divina e da doutrina do Evangelho, igualmente invocadas pelos dois campos inimigos, se está praticando na Africa Anstral?



lar do trabalhador, medalha de J. C. Chaplain



Os filhas do artista, medalha de J. C. Chaplain

me, o budhismo e os adeptos de todos estas crengas viviam amigavelmente entre si. Chegaram os missionarios á China e logo destruíram esta harmonia secular e o odio e a divisão medrará com violencia no meu paiz...

Nos outros, japonezes só podemos confirmar esta opinião.

minua o numero dos missionarios na China e que estes sejam objecto de cuidadosa selecção, confiando-se a propaganda sobretudo aos missionarios autchtones.

Risos e dores

A vibração suave da alegria
Passa no coração tão velozmente,
Quasi como o relampago fulgente,
Que corta rapido a amplidão sombria...
A dôr, que em transes vivos de agonia
Tortura o peito que profunda e sente,
A propria dôr, esvae-se lentamente...
Vae a gastando o tempo, dia a dia...

Ha um sentir, porém, que, mais duravel
Que o prazer e que a dôr, — acre e ineffavel —
Sobrevivendo a todos, a alma invade;
Esse sentir, que é como uma essencia
Das flores que nos murcham na existencia...
Morre connosco... e chama-se Saudade!
Açores — Portugal.

THELMEIRA SERPA.

O bufalo

O bufalo é um animal muito forte, mas tambem obstinado e temivel. Pela sua configuração e disposição, é muito semelhante ao boi, e, comtudo não se encontram dous quadrupes mais diferentes ou que se odeiem tanto.

E' originario da India e d'ahi espalhou se por todas as regiões quentes da Asia e mais tarde pelas da Africa Septentrional, França, Alemanha e Estados Unidos.

No estado selvagem corre com admiravel rapidez e atravessa os rios mais largos com a maior facilidade.

Se se consegue domesticalo, é o bufalo muito mais util e conveniente para carregar e puxar que o proprio boi. A sua força excede a de tres bois ou dois cavallos.

Comparada com a vacca, é a figura da bufala mais achavascaja, o seu ar muito mais selvagem, a carne menos saborosa e o leite menos nutritivo, ainda que bastante abundante.

O couro do bufalo é de grande valor, por ser muito macio, impenetravel e de grande duração, qualidades que o tornam excellente para arreios, etc.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de abril de 1901.
Teve o governo a grande, a suprema habilidade de tornar sympathico o almirante Custodio José de Mello. Sympathico, pelo menos...

Ahi está no que deram as exaceradas medidas tomadas contra uma conspiração que se existiu na Imaginação enferma de um hilontra, o unico da tropa que devia ser ricorosamente castigado.

Pesa-me que um governo intelligente e avisado como o do Dr. Campos Salles, o qual, a custa, muito embora, de enormes sacrificios da collectividade, tem restabelecido no estrangeiro o credito nacional, cahisse tão desastrosamente d'esse cavallo magro, lembrando o general da opereta, que via o inimigo em toda a parte e a todo o instante.

Ponha o governo uma pedra — o Pão de Assucar, se for possível — em cima d'essa ineluz que-tão, quando rasgar a enorme papelada que naturalmente resultou dos seus ridiculos temores, e d'aqui por diante encolha os hombros todas as vezes que lhe vierem dizer que Fulano, Beltrano ou Sicrano conspiram contra a Republica.

O acontecimento artistico da quinzena foi a exposição dos ultimos trabalhos do nosso paizagista Parreiras, realisa da no salão do pavimento superior da confeitaria Paschoal.

Essa exposição revela grandes progressos na technica do pintor, e lhe tem valido unanimes applausos, a que com todo o prazer me associo.

Brevemente teremos outra exposição de pintura: Henrique Bernardelli regressa hoje da Europa, e, durante dous annos de ausencia trabalhou a valer no seu atelier de Paris.

Já tive occasião de admirar algumas telas que de lá mandou, como arautos encarregados de anunciar a sua volta; outros quadros, e ainda mais importantes, vem com o artista, e entre estes duas pinturas historicas de grande valor. O Atacadinho e O padre José Maurício.

O congresso americano, realizado em Montevideo, já produziu, pelo menos, um grande beneficio para o Brazil: a serie de artigos que o nosso eminente compatriota Dr. Manoel Victorino está publicando no Paris, sob o titulo Em viagem.

Esses artigos, escriptos como sabe escrever o illustre brasileiro, encerram lições que devemos aproveitar e agradecer. Buenos-Aires e a nossa vergonha.

A imprensa fluminense teve o seu grande luto com a morte inesperada de Henrique Blatter, redactor e director da Semana sportiva, redactor-secretario da Noticia, e collaborador do Pais.

Causou a mais dolorosa sensação o desaparecimento desse jornalista, que era um trabalhador esforçado e probo, um lutador modesto, um desses heróes obscuros, que não recebem da imprensa outro premio senão alguns adjectivos... depois que morrem. Bom, não da bondade convencional dos defuntos, mas daquella que não se aprende nem se ensina. Henrique Blatter deixa, quer como jornalista, quer como homem particular, a recordação saudosa de uma creatura interessante e meiga, perdida, como por acaso, n'um meio em que prepondera o egoismo, base de todas as paixões ruins.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

RIO, 23 DE ABRIL DE 1901.

A Electra, de Peres Galdós, foi exhibida no Lucinda em melhores condições do que o tenha sido no S. Pedro, fugenio de Maranhães, Ferreira, Martins e outros artistas, de entre os quaes convém destacar em primeira linha Lucilia Peres, que tem apudões excepcionaes, deram a peça um desempenho muito accetavel; entretanto, a Electra não nos pareceu agora melhor nem peor: decididamente é um drama vulgarissimo, em que apenas se notam algumas bellas phrases: esta, de Electra, por exemplo. — Como pesa sobre mim a consciencia alheia!

Entretanto, a companhia do Lucinda foi de bom aviso inaugurando os seus espectaculos com a peça hespanhola, porque as receitas tem sido optimas.

Conto que o mesmo resultado possa ella alcançar com o drama Forza per forza, de Jules Barbier, que se acha em ultimos ensaios, e ha 30 annos deixou de ser representado.

N. Y. Z.

VICHY-ÉTAT
VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.
VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.
VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gottas, Diabetes.
AO RECEITAR
ESPECIFIQUEM
BEM O NOME
PASTILLES VICHY-ÉTAT
COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

CORRESPONDENCIA — *Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem a nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado. Os pedidos d'informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.*

AVISO AS SENHORAS.
O'APIOL Dos Dôres
JORET-HOMOLLE
CURA
AS DÔRES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO DE REGRAS
DEPOSITO GERAL,
PH. G. SÉGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH^{as} E DROG^{as}

PILULAS DE BLANCARD
APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS
Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.
40
Rua Bonaparte
PARIS
DE BLANCARD
Iodure Ferreux soluble
T. ACADEMIE DE MEDICINE
Paris le 22 Mars 1889
Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangu.

KAROPE DELABARRE
(DENTIÇÃO)
Karope sem narcotico recomandado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.
Esija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS
ANTI-ASTHMATICOS
de Bin BARRAL
Recomandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura do ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O
VESICATORIO DE ALBESPEYRES
o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Esija-se a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e as PRINCIPAES PHARMACIAS

CRÈME SIMON
PARA
consuvar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.
Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.
Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicymina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha mulher que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.
J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabelleres etc.
Descançar das Imitações.

LE REFLE
NOVO PERFUME
Incarnat
CAUTELA COM AS IMITACÕES
Piver
PARIS
SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA
PARIS